
**ALMANACH DE LEMBRANÇAS:
COLABORAÇÕES AFRICANAS NO SÉCULO XIX**
Almanach de Lembranças: African collaborations in the 19th century

Debora Leite David¹

RESUMO: O *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro* recebeu desde as suas primeiras edições na década de 1850, numerosas colaborações oriundas das colônias portuguesas no continente africano. Reunido este material, verificamos distintos olhares sobre a África. Muito embora os editores persistam no cuidado de evitar inserções críticas contundentes de caráter sociopolítico, permeiam o periódico, tensões que desenham as imagens das Áfricas possíveis na transição do século XIX.

PALAVRAS-CHAVES: África; imprensa; literatura; Romantismo.

ABSTRACT: The *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro* received since its first editions in the 1850s, numerous collaborations coming from the Portuguese colonies in Africa. Assembled this material, we see different looks on Africa. Although publishers persist in the critical care to avoid striking inserts of sociopolitical character, permeate the periodical, tensions that draw images of possible Africas in the transition from the 19th century.

KEYWORDS: Africa; press; literature; Romanticism.

INTRODUÇÃO

E choviam almanaques, muitos deles entremeados e adornados de figuras, de versos, de contos, de anedotas, de mil coisas recreativas. E choviam. E chovem. E há de chover almanaques. O Tempo os imprime, Esperança os brocha; é toda a oficina da vida.
Machado de Assis, *Como se inventaram os Almanagues*.

Ao buscarmos referências sobre possíveis manifestações literárias ou nacionalistas ao longo do século XIX nos países africanos de língua portuguesa, a imprensa representa um espaço importante em que se pode encontrar postura vária sobre a realidade ali constituída. Nesse sentido,

¹ Doutora em letras pela Universidade de São Paulo, bolsista FAPESP.

observa-se a proximidade entre a literatura e a imprensa, neste espaço possível às práticas culturais, sociais e políticas. Num momento histórico que não incentivava ou permitia a produção de livros, a imprensa livre (tipografias particulares) torna-se o veículo à materialização da comunicação que será utilizada também pelos escritores: a possibilidade da escrita impressa e divulgada no espaço público. Será desse espaço público que surgirá aos autores uma demanda específica em razão do público leitor. É possível observar, assim, como se deu essa relação entre os autores da imprensa oitocentista nos países africanos de língua portuguesa e seu público,² que por meio da imprensa pode alcançar um público ao mesmo tempo específico e muito mais amplo quantitativamente. Nesse sentido, afirma Hans-Jürgen Lüsebrink que:

*La proximité des deux champs (littérature et presse) réside également dans le fait que de nombreux écrivains étaient aussi des publicistes et des journalistes, pour des raisons économiques et politiques, mais aussi pour atteindre de la sorte un public différent et plus large (LÜSEBRINK, 2000, p. 127).*³

Ainda que a participação na imprensa represente à crítica literária, no mais das vezes, a produção considerada menos nobre, aos escritores do espaço colonizado, significa a sua existência como escritor, e também como sujeito colonizado, no espaço público, em que pode alcançar efetivamente algum ou mesmo o seu público. Infelizmente, essa percepção da menor importância da imprensa induz o leitor a prestigiar somente o material literário produzido e divulgado. No entanto, parece temerário ignorar a produção de um autor da envergadura de Joaquim Dias Cordeiro da Matta, por exemplo, que produziu incansavelmente artigos para diversos jornais, além da sua produção literária em prosa e poesia. Ainda que tenha publicação considerável,⁴ não houve um interesse na reunião de sua produção “jornalística”. E pelas referências encontradas, é de supor o grande impacto

² Não tivemos por foco principal pesquisar sobre a alfabetização em língua portuguesa nos cinco países africanos estudados. No entanto, indicamos as referências bibliográficas de Helder Garmes e Ana Monica Henrique Lopes para maiores informações a esse respeito.

³ A proximidade destes dois campos (literatura e imprensa) se estabelece igualmente no fato de que numerosos escritores foram também jornalistas, por razões econômicas e políticas, mas também para atender um público diferente e maior. (tradução livre)

⁴ “[...] o nosso autor notabilizou-se nas letras angolanas como o mais prolixo e profícuo dos autores da sua geração e mesmo do seu século, pela variedade de domínios, volume de textos produzidos e, sobretudo, pelo ativismo em prol daquilo que ele chamava *a fundação da literatura pátria angolense*” (BONAVERA, 2001, p. 9).

social e cultural provocado por suas incursões por diversos jornais de Angola e pelo *Almanach de Lembranças*.

A grande dificuldade na produção divulgada pela imprensa reside justamente na sua precariedade, posto que se apresenta fragmentada e dispersa. E muitas vezes a impossibilidade de sua reconstrução reforça a dúvida sobre a sua veracidade e, por conseguinte, implica em negligência na sua consideração crítica. Contudo, é essa mesma precariedade que permite ao escritor colonizado transitar por um espaço público interdito nas relações de poder que movimentam o contexto cultural sob a administração colonial. Nesse passo, a imprensa se mostra como um campo de interesse crítico, tendo em vista, que é também um espaço anterior à constituição da literatura como um campo consolidado e autônomo. Lembramos que, ao iluminar a oposição entre a literatura e sua estética e a imprensa e o seu pragmatismo, podemos também dizer que temos a oposição entre o cânone literário e as formas culturais excluídas daquele. A forma hegemonicamente considerada e os fragmentos relegados ao esquecimento.

Deste modo, as colaborações de um escritor à imprensa são consideradas uma característica menor de seu autor se o mesmo está incluído no campo hegemônico, isto é, no cânone literário. Em se tratando das colaborações oitocentistas, período em que raros autores conseguiam publicar um livro nos espaços africanos de língua portuguesa, a imprensa representa um material primário de extrema importância, no sentido de estabelecer mais realisticamente a produção de alguns autores, bem como a sua orientação social, cultural e política naquela altura. O século XIX está repleto de periódicos publicados nos espaços africanos de língua portuguesa,⁵ significando um campo aberto às manifestações literárias, culturais e políticas, relevantes à compreensão do passado desses espaços, seus autores e interlocutores.

Além dos jornais, destacamos a presença dos almanaques. Singelos, discretos, porém, presentes e incontornáveis, como afirma Jean-François Brotel:

[...] os almanaques, como vários outros objetos da cultura material, ou imprensa estão ainda hoje, e há muito tempo, presentes no Brasil como em vários países da América ou da Europa sem que se dê por isso, porque fazem parte do cenário cotidiano, tanto quanto os outdoors publicitários ou o jornal televisivo, ou ainda porque a grande modéstia de seu ser físico e a trivialidade de seus usos os tornam esquecidos, ignorados, desprezados até. E no entanto, o caráter anual e único desse

⁵ Cf. Tese sobre os periódicos em língua portuguesa em Língua Portuguesa. (GARMES, 1999).

bem comum a tanta gente, torna o almanaque um objeto notável (BROTEL, 2001, p. 17).

Objeto notável que também alcançava, no caso do *Almanach de Lembranças*, recantos da Ásia e da África, e ainda que houvesse uma quantidade expressiva desse tipo de periódico na Europa, ele se destaca por sua inovação editorial, como nos explana Jean-Michel Massa:

Outros almanaques houveram no mundo lusófono, outras revistas, outros periódicos, mas só o nosso almanaque se define por um neologismo geográfico, político e comercial. Salvo erro, nenhum dos dicionários anteriores deste século, tinha na sua capa *Luso-Brasileiro*. Nem Bluteau, nem Silva Morais, nem os mais próximos no tempo. De lembrar que até meados do século XIX o adjectivo *brasileiro* servia para definir as línguas indígenas locais. Foi uma bela invenção linguística reunir, sob o mesmo título, Portugal e o Brasil não indígena, separados desde a independência em 1822, unidos e separados pelos respectivos monarcas (MASSA, 2012, p. 19).

Com uma breve epígrafe de La Fontaine, que sempre acompanhou as edições do periódico, os editores apresentam suas pretensões: “*Les longs ouvrages me font peur: / Loin d’épuiser une matière, / On n’en doit prendre que la fleur*”.⁶ O *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro* teve sua primeira edição em 1850 e foi impresso em Paris até 1853 pela Tipografia M. Cerf. A partir de 1854 passa a ser editado em Lisboa, ocasião em que foi alterada a sua denominação para *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro*. Sua impressão se alternou entre algumas tipografias portuguesas, permanecendo um longo período até o seu final com a casa editorial António Maria Pereira. O ano de 1854 também é o marco de uma importante mudança, realizando-se duas edições a cada ano, a partir de então, uma para Portugal e outra para o Brasil, sendo diferenciadas somente pelos calendários. Em 1872, o periódico passa a ser chamado de *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro*, seguindo assim até a última edição em 1932. Referido sempre como uma publicação eficiente na sua circulação e distribuição, especialmente se comparada a outras publicações da mesma época, na sua edição para o ano de 1855, Alexandre Magno de Castilho, seu editor, destaca no Prólogo a tiragem de 20 mil exemplares. Na edição do *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro* para o ano de 1864, na seção de anúncios encontramos a seguinte frase

⁶ Livros longos me assustam / longe de esgotar um assunto, / devemos tomar somente o melhor (tradução livre).

encorajando seus futuros anunciantes: “A tiragem d’este livrinho nunca é inferior a 16:000 exemplares, que são distribuídos pelo Brazil, pelas nossas possessões d’além-mar, ilhas, e todas as terras de alguma importância do paiz”. Infelizmente, não há registros sobre a quantidade individualizada por destino dessas remessas.

Trata-se de uma publicação anual que possui 500 páginas em média cada uma, em formato de bolso, corpo pequeno (13,5 cm x 9 cm), preto e branco, ilustrado e organizada em seções, que remetem ao calendário. O primeiro número do *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro* está dividido em seções para “dedicatórias, índice, prólogo, cronologia, mercados e feiras em Portugal, calendário português, informações do cotidiano como o santo do dia, o calendário eclesiástico, as comemorações religiosas etc., seguidas de textos variados distribuídos para cada dia” (DUTRA, 2005, p. 116). As edições seguintes também passam a contemplar outras informações como os eclipses do ano, as marés, o quadro dos incêndios, as medidas, os caminhos de ferro portugueses, a indicação dos nomes das colaboradoras e dos colaboradores, a correspondência, as normas editoriais e de anúncio, além dos artigos. Destaque para as matérias biográficas que eram acompanhadas de retrato dos escritores e intelectuais prestigiados como Gonçalves Dias em 1872, Castro Alves em 1882 e Fagundes Varela em 1887, por exemplo. Essa descrição sobre o conteúdo pode ser verificada nas tabelas de leitura que se encontram nos anexos ao final do presente relatório científico.

O periódico português era mantido com os recursos de seus assinantes e anunciantes como podemos ver nos avisos que traziam as devidas orientações aos anunciantes e que transcrevemos do exemplar para o ano de 1887:

SEÇÃO DE ANÚNCIOS DO *NOVO ALMANAQUE DE LEMBRANÇAS*

Este livrinho, circulando em todo o continente do reino, das ilhas e em todas as possessões da África e da Ásia, percorrendo além disso quase todo o império do Brasil, como é fácil supor vendo as assinaturas dos seus colaboradores, residentes em diferentes e distantes províncias, é um dos de maior tiragem em língua portuguesa. A circunstância do seu gênero literário e a qualidade de suas matérias, permite que a sua leitura seja acessível e atraente, e por consequência demorada e constante; a sua barateza, a nitidez de sua impressão e até a circunstância do seu formato, que o torna sumamente portátil; — tudo isto oferece aos anunciantes a maior soma de condições de

divulgação em diferentes e variados mercados e entre famílias das mais ou menos abastadas.

O tipo dos anúncios será dos mais miúdos do *Almanach*, tendo cada página 43 linhas e cada linha 49 letras, termo médio.

* * *

O preço por linha é de 150 réis; sendo página inteira o anúncio tem o abatimento de 20 por cento, ficando portanto a página por 5\$160 réis. A meia página, 3\$000 réis. Terço de página não tem desconto. Os anúncios publicados no *Almanach* serão gratuitamente reproduzidos no nosso *Suplemento*.

A redação é da responsabilidade do anunciante.

* * *

Os originais dos anúncios serão enviados à Livraria Antonio Maria Pereira, rua Augusta n. 50 e 52, Lisboa – até 15 de maio.

* * *

Os anúncios de França devem ser enviados ao nosso único agente em Paris, o sr. H. Mahler, proprietário da Agencia de Publicidade, rue Richer n. 23.

Uma das condições que favoreciam a circulação do *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro* é, pelo menos no Brasil, como relata Eliana Dutra, o seu preço de venda extremamente acessível:

[...] encontramos na edição de 1863 uma indicação do preço promocional de dois mil réis para a compra de dez exemplares, o que significa um preço especial de 200 réis o exemplar. [...] É possível estimar, para os anos 80 do século XIX, um preço entre 300 e 400 réis, o que correspondia, no Brasil da época, ao custo de meio quilo de café, ou a um quilo de açúcar glacê (DUTRA, 2005, p. 118).

Em comparação destacamos os preços anunciados por algumas livrarias portuguesas com preços para Portugal e para o Brasil, no *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro* para o ano de 1864, em que os romances eram vendidos por valores que oscilavam entre 300 e 600 réis cada volume. Um fato indicativo da popularidade e sucesso do *Almanach de Lembranças* entre os assinantes/colaboradores foi a criação dos exemplares suplementares entre os anos de 1886 e 1890, que traziam as numerosas colaborações que integravam a seção “Variedades”, e possuíam, em média, 200 (duzentas) folhas cada um. Apesar da divulgação sobre os suplementos e da recepção sempre abundante de colaborações, essas publicações extraordinárias não duraram mais do que cinco anos.

A invocação do passado constitui uma das estratégias mais comuns nas interpretações do presente. O que inspira tais apelos não é apenas a divergência quanto ao que ocorreu no passado e o que teria sido esse passado, mas também a incerteza se o passado é de fato passado, morto e enterrado, ou se persiste, mesmo que talvez sob outras formas.

Edward W. Said

Além da imprensa oficial e da imprensa livre⁷ nas ex-colônias portuguesas em território africano, ao longo da segunda metade do século XIX, podemos apontar também o *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro*, como instrumento propagador das iniciativas literárias com a sua circulação e distribuição em todos os territórios de Língua Portuguesa. Ainda que a sua diretriz editorial restringisse a publicação de textos contestatários ou polêmicos, esse periódico significou a possibilidade de estender a circulação de textos e poemas oriundos de Angola, Moçambique, Cabo Verde, São Tomé e Guiné-Bissau, assim como a leitura entre pares, durante oito décadas (1851-1932), atravessando relevantes momentos históricos à realidade colonialista encontrada nesses espaços.

No tocante à circulação do *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro*, destacamos a aproximação que se verifica na primeira metade do século XX entre os países africanos de língua portuguesa e o Brasil. Em realidade, esta se apresenta como uma consolidação de um contato anterior proporcionado pelo periódico português. Muito embora, esteja sempre em destaque a aproximação entre a literatura brasileira e as literaturas africanas de língua portuguesa em formação na primeira metade do século XX, notadamente com o Grupo Sul no Brasil,⁸ esse trânsito atlântico já era notável no século XIX com as referências que podemos encontrar entre Costa Alegre e Castro Alves ou Maia Ferreira e Gonçalves Dias, por exemplo.⁹ Nesse sentido, citamos Tania Macêdo:

⁷ A imprensa livre remete às tipografias particulares. No entanto, algumas vezes a expressão é usada pra indicar a imprensa durante os períodos de ausência da censura prévia.

⁸ Durante a década de 1950 esse grupo de jovens catarinenses (Salim Miguel, Eglê Malheiros, Aníbal Nunes Pires, Ody Fraga e Silva, Antônio Paladino) edita a revista *Sul*, que representou um importante espaço de publicação de autores do outro lado do Atlântico como Luandino Vieira, Viriato da Cruz, entre outros, para além das remessas de obras da literatura brasileira e da intensa correspondência mantida no período. Cf. MIGUEL, 2005 e MACÊDO, 2002.

⁹ “O sonho dantesco”, poema de Costa Alegre (São Tomé), cuja epígrafe é um verso do poema “O navio negreiro”, de Castro Alves (*Era um sonho dantesco... o tombadilho*). E o poema “À minha terra”, de Maia Ferreira (Angola), em que temos a referência constante ao poema “Canção de Exílio”, de Gonçalves Dias.

Já no século XIX forjam-se mecanismos de maior aproximação literária entre os países africanos e a literatura brasileira, como se pode inferir, por exemplo, da publicação *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro* (1851-1900 — primeira fase) que se constitui em importante veículo de diálogo literário, já que, em função de sua longevidade e do elevado número de colaboradores (e assinantes) estabelece um espaço de conhecimento de várias realidades e textos. Dessa forma, vemos cruzarem-se nas páginas dos pequeninos livros cheios de informações úteis, jovens escritores como os brasileiros Casimiro de Abreu e Machado de Assis, os angolanos Cordeiro da Matta e José da Silva Maia Ferreira, assim como os cabo-verdianos José Lopes da Silva e Maria Luísa de Sena Barcelos, ou ainda o moçambicano Campos de Oliveira, para citarmos alguns nomes mais importantes (MACÊDO, 2008, p. 130).

Os mais de oitenta anos de publicação granjearam-lhe um público amplo em todo o império colonial português, tornando-se um instrumento privilegiado na troca de informações e construção de um imaginário e de um gosto comuns. Vale recordar que, no caso do Brasil, autores de destaque de nossa literatura como Machado de Assis, por exemplo, ali publicaram seus primeiros textos que foram lidos por um público variado na África de língua portuguesa, no Brasil, em Portugal e no oriente (MACÊDO, 2008, p. 97).

São numerosas as colaborações encontradas nos exemplares do *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro*, que indicam uma leitura atenta do seu conteúdo, como também uma especial atenção aos escritores que por esse espaço editorial circulam. As dedicatórias, os poemas indicados como “imitação”, as epígrafes, sem contar as respostas e réplicas em relação, principalmente, a fatos históricos ou culturais, que algumas vezes são contestados.

O *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro* recebeu desde as suas primeiras edições na década de 1850, numerosas colaborações oriundas das colônias portuguesas no continente africano. Reunido este material, verificamos distintos olhares sobre a África. Muito embora os editores persistam no cuidado de evitar inserções críticas contundentes de caráter sociopolítico, permeiam o periódico, tensões que desenham as imagens das Áfricas possíveis na transição do século XIX. Se de um lado temos os portugueses, funcionários da administração colonial e provisoriamente instalados nestes espaços, que descrevem os “costumes indígenas”, ora em

viés pejorativo, ora em viés sarcástico, de outro lado temos os “filhos da terra”, aqueles nascidos no continente africano, que surgem apresentando uma identidade própria e os valores sociais e culturais desse continente desconhecido para muitos.

Um levantamento mais abrangente do *Almanach de Lembranças* proporciona uma visão privilegiada de certa cumplicidade atravessada pela língua portuguesa, elemento colonizador comum aos cinco países africanos, mas também das especificidades de cada uma das províncias ultramarinas portuguesas, que foram submetidas a máquina colonialista portuguesa diferentemente, em razão das vicissitudes econômicas e políticas, que caracterizaram o século XIX, notadamente a independência do Brasil (1822) e a Conferência de Berlim (1885). As colaborações que se encontram no *Almanach de Lembranças* trazem, para além da circularidade de ideias, as especificidades dessas localidades e permitem considerar as diferenças inerentes a cada um dos cinco países africanos de língua portuguesa, assim como as aproximações possíveis, muito antes da intensificação das estratégias anticolonialistas e da consolidação das lutas de libertação nacional, que se sucederam no século XX.

A interlocução entre os seus colaboradores é deduzida a partir de sutis indicações encontradas nos textos. São as epígrafes, as dedicatórias e as réplicas, os principais elementos, que confirmam o diálogo ou a discussão entre pares. Colaboradores e colaboradoras (assinantes), que liam e participavam do *Almanach de Lembranças* em localidades as mais inusitadas, que no mais das vezes estavam além das principais cidades e capitais das ex-colônias portuguesas em território africano. Entre estas podemos citar algumas como Catumbela, Barra do Kuanza, Dombe, Huíla, Dondo, Malange, Benguela e Moçâmedes em Angola, ou Quelimane, Inhambane e Tete em Moçambique, ou ainda Bolama, Cacheu e Bissau na Guiné. A leitura mais atenta, contudo, observa o diálogo em vários níveis entre os colaboradores e a recorrência de alguns temas, como por exemplo, as descrições toponímicas das cidades africanas, as lendas “gentílicas” ou as narrativas etnográficas. Assim, percebemos que a circulação deste periódico oitocentista foi, não somente, duradoura, como também extremamente abrangente, haja vista a sua longevidade e a sua tradição entre os seus leitores/colaboradores. Por meio das citações dos autores e editores na seção “Correspondência”, verificamos tratar-se de uma leitura ansiosamente aguardada nos rincões mais longínquos, ultrapassando os limites das áreas urbanas e letradas.

Tomemos o exemplo da presença do poeta brasileiro, Gonçalves Dias (1823-1864), no *Almanach de Lembranças* para o ano de 1880 (p. 40),

em que encontramos a sua tradução para os versos do poeta romântico alemão Heinrich Heine (1797-1856), “Tenho veneno nos versos”:¹⁰

Tenho veneno nos versos!
Pois que menos pode ser?
Era eu quase uma criança,
quando m’o deste a beber.

Tenho veneno nos versos!
Pois seja! veneno tem.
Também tenho serpes n’alma
e a ti, amada, também.

*Vergiftet sind meine Lieder; —
Wie könnte es anders sein?
Du hast mir ja Gift gegossen
Ins blühende Leben hinein.*

*Vergiftet sind meine Lieder; —
Wie könnte es anders sein?
Ich trage im Herzen viel Schlangen,
Und dich, Geliebte mein.*

Muito embora estejamos frente a dois representantes por excelência da escola romântica, e já falecidos à época da referida publicação, destacamos o exemplo, para demonstrar como o *Almanach de Lembranças* era capaz de articular referências, ideias e autores, e neste caso, por iniciativa de seus editores. Exponente do romantismo alemão, Heinrich Heine teve sua obra permeada por sua posição ideológica extremamente engajada politicamente contra a exploração do indivíduo no desenvolvimento industrial, não deixando de manifestar-se, também, acerca da escravidão com o poema *Das Sklavenschiff* (1853), que teria inspirado os versos de “O Navio Negroiro”, de Castro Alves. Com uma ironia desconcertante, Heine, “o último dos românticos”, é apontado pelos críticos como uma presença marcante nas literaturas portuguesa e brasileira ao longo do século XIX. Por isso, torna-se intrigante a sua presença, ainda que indiretamente, nas folhas do *Almanach de Lembranças*, pelas mãos de Gonçalves Dias, um poeta nacionalista, que criou uma tradição literária indianista. Um indício discreto, talvez sem grande pretensão, mas que marcava a presença de figuras

¹⁰ Original em alemão: “*Vergiftet sind meine Lieder*”. In HEINE, Heinrich. *Buch der Lieder*. Düsseldorf: Artemis & Winkler Verlag, 2006, p. 81.

engajadas nas questões polêmicas do seu tempo histórico, nas páginas triviais e descompromissadas de um almanaque.

Outro exemplo emblemático das relações entre autores e suas leituras/diálogos é o poeta angolense Joaquim Dias Cordeiro da Matta (1857-1894), que indicava em epígrafes obras de Alexandre Herculano, como *Eurico, o presbítero*, no seu artigo “O amor do poeta”, publicado no *Almanach de Lembranças* para o ano de 1889 (p. 303):

“[...] é maior que o de nenhum homem; porque é imenso como o ideal, que elle comprehende; eterno como o seu nome, que nunca perece.”

A. HERCULANO — Eurico — p. 44.

É indefinível o amor do poeta! O mundo inteiro não o pôde comprehender.

A mulher, o unico ente nascido para entender o que vae na alma do homem enamorado, a mulher mesmo, muitas vezes calca aos pés e desdenha o puro e santo amor do filho querido das musas! . [...] Que o digam Camões, Tasso, Bernardim Ribeiro e outros, que incensaram sem cessar as mulheres e lhe prestaram vivo e ardente culto, e não poderam ao menos — não dizemos libar o nectar, que a alma do poeta anhela, mas nem tocar a fimbria de vestido da beldade que se ama! ...

E, todavia, essas deidades que fizeram vibrar as fibras dos corações mais enternecidos — os dos poetas, — essas deidades ficaram tendo nomes immortaes, ao passo que aquelles que ardentemente as amaram não experimentaram um só instante de ventura, e morreram sem vêr raiar do amor o céo doirado!

E, a despeito de tudo, o poeta ama! Prostra-se, cheio de fogo, aos pés da mulher que adora ! Falla-lhe, enlevado, a linguagem mais doce e melliflua que se ha exprimido na terra — a poesia! — e a mulher, sempre altiva, conculca e desdenha, muitas vezes, o seu amor! ...

Inspirava-se o poeta Cordeiro da Matta em autores portugueses para descrever o seu amor de poeta angolense, característica curiosa, em se tratando do colaborador mais atuante na apresentação e defesa de uma identidade angolana. As suas colaborações abrangem todas as categorias encontradas no *Almanach de Lembranças* e de tão numerosas, são também publicadas postumamente. Contudo, não se encontra referência aos poetas românticos brasileiros, em uma sequer. O poeta angolense Cordeiro da Matta, que escrevia “sob a inspiração” de Alexandre Herculano, João de

Deus, Almeida Garrett ou Feliciano de Castilho, parecia buscar uma resolução na própria relação colonizador/colonizado, sem a intermediação de terceiros.

O século XIX, para os países africanos de língua portuguesa, representa o momento de um novo meio de circulação das ideias, das palavras, da escrita: a imprensa. A recepção, independentemente da alfabetização na língua corrente desta imprensa, é ampliada, amplificada, e o consumo da palavra escrita ultrapassa, sem retorno, o pretense isolamento do ou no continente africano. Nesse sentido, ao confrontarmos as colaborações de todo o período de existência do *Almanach de Lembranças*, percebemos a relevância de uma outra publicação periódica: o jornal. Muitos semanários, que indicam um extenso e intenso trânsito de autores, de posições políticas e de ideias.

Nas duas primeiras décadas do *Almanach de Lembranças* (1850 e 1860) era comum encontrar textos, até mesmo dos próprios editores, com a descrição dos usos e costumes dos africanos, de maneira sarcástica e pejorativa. Como, por exemplo, o verbete sobre “Amor africano”, que se lê à página 147 do *Almanach de Lembranças* para o ano de 1864:

Em certa região da Africa, quando uma rapariga está para casar, enche uma cabaça d’agua, ajoelha na presença do seu amante, pede-lhe que lave as mãos, e bebe depois a agua, o que lá é reputado como a maior prova d’amor... é cá de porcaria.

À medida que aumentam as colaborações africanas sobre os rituais tradicionais e realidades socioculturais, ocupando algumas vezes duas ou três páginas do periódico, percebemos a diminuição, ou mesmo a inibição, daquelas colaborações depreciativas, tendo em vista, que se tornam comuns as correspondências e as réplicas, que colocam em controvérsia tais manifestações. A partir da década de 1870 diminui drasticamente a imagem depreciativa nas colaborações sobre a África ou seus habitantes.

AINDA O ROMANTISMO

A circularidade de ideias e de autores, apontada anteriormente, promove a indagação sobre possíveis conciliações e/ou diálogos entre as tendências literárias oitocentistas encontradas nos espaços alcançados pelo *Almanach de Lembranças*. Nesse passo, entendemos que o Romantismo pode representar um forte elo de conexão entre os assinantes/autores do periódico. Uma ligação intermediada pela imprensa, que se fortalece nos espaços africanos de língua portuguesa na segunda metade do século XIX,

especialmente na década de 1880, quando numerosos autores ensaiam versos e temas, tendo a oportunidade da leitura e da interlocução, como verificamos em abundantes referências no âmbito do *Almanach de Lembranças*.

A partir de um “ideal africano”, que afasta o olhar homogeneizante e estereotipado do colonizador, apresenta-se uma nova maneira de representação do sujeito africano e dos valores culturais africanos, identificando-se, outrossim, com o sentimento nacionalista que permeava o Romantismo em outros países, como nos lembra Rita Chaves:

A adesão a um movimento coletivo que transforma a experiência literária numa espécie de compromisso com a história da própria nação converteu-se, afinal, num dos elementos constitutivos da literatura angolana. Esse lastro tão poderosamente romântico definiu os rumos de toda essa produção literária, preservando um senso de identificação com a terra que teve expressão literária já no conhecido (ou tido como) primeiro volume de poesias publicado por um escritor da África de língua oficial portuguesa: *Esportaneidades de minha alma — às senhoras africanas*, de José da Silva Maia Ferreira, editado em 1849. Condicionado pela conturbada história de Angola, o trajeto desse escritor deixa transparecer os sintomas da assimilação cultural, fenômeno a que estavam sujeitos os filhos da elite angolana das primeiras décadas do século XIX. No entanto, mesmo nos poemas que podemos ler no *Almanach de Lembranças* editado em Portugal, já se vislumbram os sinais do sentimento nacionalista que, de resto, pontuavam o Romantismo em vários países do mundo. Se não resultavam de um procedimento propriamente original, tais marcas favoreciam a manifestação de elementos propícios à criação de um sistema literário nacional (CHAVES, 1999, p. 44-5).

Este exercício da escrita, em grande parte sem demonstrar um projeto estético, ainda que marcado pela inspiração romântica, verifica-se também na produção poética encontrada nos jornais dos países africanos de língua portuguesa nas últimas décadas do século XIX. Ainda que predominem em muitos jornais e mesmo no *Almanach de Lembranças*, os sonetos e as oitavas que exaltam os amores e a saudade da metrópole portuguesa, não se pode ignorar a presença de outros sonetos e oitavas que reverenciam a beleza africana e outras paragens que não a metrópole. Este sujeito que não rima sua existência com a negação de sua identidade e de seu espaço, passa a se reconhecer e a se representar, seja individualmente ou

coletivamente, por meio dessa escrita. Um sujeito africano que não se identifica mais apenas nos limites da realidade colonial. E experimentando o caminho da subjetividade romântica encontra o inconformismo, e nesse sentido transcrevemos o texto de Joana Passos:

Na concepção romântica do mundo caberia ao poeta inconformista articular a sensibilidade humana e as tensões sociais do seu tempo, traduzindo, pela sua superior percepção, um sentir coletivo marcado pelo espírito da época (PASSOS, 2012, p. 75).

Essa perspectiva romântica do “sentir coletivo marcado pelo espírito da época”, instiga outra indagação em relação a esses escritores “africanos” oitocentistas, que seria sobre o início de uma literatura própria, ou ainda das primeiras manifestações literárias, na aceção de Antônio Candido. Muito embora, seja consenso na historiografia literária a pouca relevância da produção africana em língua portuguesa oitocentista, à exceção de Angola, não se pode ignorar o antagonismo tão próprio do Romantismo, como elemento dinamizador à negação da negação no âmbito colonial (Sartre),¹¹ que já encontramos nessa contundente produção literária, ainda que pequena e esparsa. É certo que a afirmação de uma identidade coletiva, de um projeto nacional, enfim, de uma nação, requer uma corrente clara e definida de pensamento e articulações intelectuais e políticas. No entanto, verificamos por meio dessa pesquisa a existência de um “nós”, os angolenses, os cabo-verdianos, os moçambicanos, os santomenses e os guineenses. Talvez o princípio de “uma fé no espírito coletivo” (PASSOS, 2012, p. 75), que, pouco a pouco, será inscrito e engendrado por suas literaturas, no caminho de uma identidade nacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Alguns autores encontrados entre os assinantes/colaboradores do *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro* também participavam das imprensas portuguesa e africana, com o espírito de contestação numa espécie de produção de combate, ressalvada a variação de uma consciência separatista ou até mesmo “pré-anticolonialista”, além da sua produção literária, ainda que incipiente, voltada para um diálogo com a tendência romântica ou ultrarromântica do período. Desta forma, numa perspectiva

¹¹ Somente é possível a reintegração do colonizado, a partir da violência contra o colonialismo. Prefácio de Jean-Paul Sartre para *Os condenados da terra*, de Frantz Fanon.

subjetivista, incorporando-se fragmentos de uma identidade cultural própria e “africana”.

Nesse passo, é possível compreender o papel do *Almanach de Lembranças* como uma publicação que, ao mesmo tempo em que se caracteriza como uma publicação periódica íntima e confessional, também se coloca como um elo de ligação entre três vetores: o narrador/editor, o autor e o leitor. E, independentemente de sua trivialidade como almanaque, essa relação reforçaria “a consciência de uma comunidade delimitada por fronteiras socioculturais e/ou territoriais” (LÜSEBRINK, 2000, p. 52), altamente discutível se levarmos em consideração como as populações dos espaços africanos de língua portuguesa estariam naquela inseridas, a partir de uma realidade colonizada. Contudo, é de notar que os colaboradores, que não eram poucos, entendiam-se de algum modo “incluídos” nessa “comunidade” representada pelo *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro*, posto que as colaborações se multiplicaram com o passar dos anos, ao longo do século XIX, tornando o periódico em canal de extrema importância à visibilidade de seus “autores” e à circulação de ideias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BONAVENA, E. As origens do nacionalismo africano — leitura crítica de Mário Pinto de Andrade. In MATA, Inocência; PADILHA, Laura. *Mário Pinto de Andrade: um intelectual na política*. Lisboa: Edições Colibri, s/d, p. 181-95.

BROTEL, Jean-François. Catálogo almanaque dos almanaques. In MEYER, Marlyse (org.). *Do almanak aos almanaques*. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina e Ateliê Editorial, 2001, p. 17-8.

CHAVES, Rita. *A formação do romance angolano*. São Paulo: FBLP / USP, 1999.

CORDEIRO, António Xavier Rodrigues (ed.). *Novo almanach de lembranças luso-brasileiro*. Lisboa: António Maria Pereira, 1877-1897. Anual.

DUTRA, Eliana de Freitas. Laços fraternos. A construção imaginária de uma comunidade cultural luso-brasileira no almanaque de lembranças. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, Belo Horizonte, v.1, p. 116-27, 2005.

FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

GARMES, Hélder. *A convenção formadora: uma contribuição para a história do periodismo literário nas colônias portuguesas*. Tese (Doutorado em Letras). São Paulo: Universidade de São Paulo, 1999.

LOPES, Ana Mónica. *Nas margens da história e da ficção*. Identidades impressas e as fronteiras do nacionalismo em Angola (1866-1910). Belo Horizonte: Crisálida, 2011.

LÜSEBRINK, Hans-Jürgen. *La conquête de l'espace public colonial*. Prises de parole et formes de participation d'écrivains et d'intellectuels africains dans la presse à l'époque coloniale (1900-1960). London: IKO-Verlag für Interkulturelle Kommunikation / Éditions Nota Bene, 2003.

_____. La littérature des almanachs : réflexions sur l'anthropologie du fait littéraire. In *Études Françaises*, v.36, n. 3, p. 47-64, 2000.

MACÊDO, Tania. *Angola e Brasil: estudos comparados*. São Paulo: Arte & Ciência, 2002.

_____. *Luanda, cidade e literatura*. São Paulo: Editora Unesp; Luanda: Nzila, 2008.

MASSA, Françoise; MASSA, Jean-Michel; GUILLERM, Martine (orgs.). *Almanaque de lembranças luso-brasileiro*. Presença caboverdiana (1851-1900). Mindelo: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 2012.

MIGUEL, Salim. *Cartas D'África e alguma poesia*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005.

PASSOS, Joana. *Literatura goesa em português nos séculos XIX e XX*. Perspectivas pós-coloniais e revisão crítica. Ribeirão: Húmus, 2012.

Data de recebimento: 31 de dezembro de 2015

Data de aprovação: 30 de maio de 2016